



XIII Simpósio Integrado de Pesquisa FURB/UNIVILLE/UNIVALI

27 de agosto de 2015, Blumenau - SC

BIBLIOTECA PÚBLICA ESPAÇO DE MEDIAÇÃO CULTURAL

Adeneri Nogueira de Borba

Adeneri.borba@gmail.com
UNIVALI

Elaine Cristina da Silva Martins

elainemartinsitj@hotmail.com
UNIVALI

Adeneri

Eixo temático: Educação e linguagem

Resumo: Esta pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, tem como objetivo discutir o espaço da biblioteca pública como um território de mediações culturais. Durante muito tempo, as bibliotecas foram tratadas como repositório de livros e esta pesquisa propõe outra abordagem vinculada a biblioteca como espaço cultural. Na perspectiva de Martins (2014), possibilitar encontros sensíveis com a arte é o desejo maior da mediação cultural. Como resultados sinalizamos que a biblioteca pública é um local que deve ser propício para a mediação cultural, tendo em vista os estudos efetuados por Milanesi (2002) e Petit (2014). Segundo Cavalcante e Rasteli (2014), é preciso considerar questões como disposição dos objetos, aproximação do público com a arte, bem como a ação dos profissionais responsáveis pela mediação. Entendemos que a mediação realizada pelo bibliotecário pode abrir espaço para o diálogo e vivências estéticas diversas. (ROSA, 2009). Dessa forma o fazer do bibliotecário do ponto de vista da mediação em biblioteca tende a ampliar a formação estética e artística dos que transitam por esse território.

Palavras-chave: Biblioteca. Bibliotecário. Mediação Cultural

1. Introdução

Onde finalmente se penetra no labirinto, tem-se estranhas visões e, como acontece nos labirintos, fica-se perdido nele. Subimos ao novo scriptorium, que também dava para o andar proibido. Fiquei surpreso, por encontrar-me numa sala de sete lados, não muito ampla, sem janelas, em que reinava, como de resto do andar inteiro, um forte odor de ranço ou de mofo... Ao longo das paredes fechadas estavam encostados enormes armários, carregados de livros [...] (ECO, 1983, p.199)

O caráter sagrado das bibliotecas fica bem nítido quando lemos as páginas do Nome da Rosa de Umberto Eco, onde muitos manuscritos eram mantidos secretamente naquela torre hexagonal, escondidos do mundo, resguardados pelo personagem secular, o bibliotecário. Durante séculos, o acesso aos acervos da produção do conhecimento humano esteve restrito a

uma pequena parcela dos cidadãos. Na Idade Média, esses acervos estavam sob a proteção da igreja e somente com a reforma protestante, iniciou-se um novo período, onde muitas escrituras puderam ser traduzidas para a língua oficial dos países e ainda assim, apenas os monarcas tinham acesso, pois a população marginalizada, analfabeta ouvia apenas os ecos das escrituras nas profissões religiosas da igreja.

Muitas são as obras literárias que ressaltam o universo infinito que pululam das bibliotecas. Borges (1999, p.40), é o escritor cujo conto “A Biblioteca de Babel” denuncia esse universo intertextual: “Quando se proclamou que a Biblioteca abarcava todos os livros, a primeira impressão foi de extravagante felicidade. Todos os homens sentiram-se senhores de um tesouro intacto e secreto.” O desejo de um universo de significados e sentidos que se multiplicam e propõem ao leitor uma leitura relacional, reversível e interativa se manifesta. Borges metaforicamente faz alusão a um tesouro de múltiplas combinações de símbolos e significados que por ora revelam e por outra secretam a significativa ideia do infinito que causa uma biblioteca, infinito este que transcende o seu espaço físico muitas vezes, instiga o leitor a operar um deslocamento por meio do devir entre um livro e outro, uma linguagem e outra.

Sua obra sugere pensar a biblioteca como lugar de simultâneas convivências, diferentes linguagens e saberes diversos. Nessa perspectiva, a existência da biblioteca está atrelada não apenas à preservação do registro como forma de conhecimento e expressão da humanidade, centro de saber universal e particular, mas, lugar de práticas culturais, experiências e encontros. Percorrer seus corredores, parar nas estantes, apreciar grandes coleções e livros repletos de símbolos atraíram e atraem ainda hoje os homens, que buscam soluções, verdades, felicidades e sentidos. Esse sentido de busca está no usuário comum, e no especialista que anseia ampliar seus saberes acerca da sua área. Com Umberto Eco temos a representação de uma biblioteca sagrada cujos saberes são proibidos de circular, com Borges avançamos para a concepção da biblioteca como lugar de trânsito, lugar que expande o acesso e a circulação de saberes.

A presente pesquisa tem como tema a biblioteca e como foco a mediação cultural, temos como objetivo discutir o espaço da biblioteca pública

como um território de mediações culturais. Norteados pela questão: Como as bibliotecas públicas constituem-se espaços de mediação cultural? Nessa busca organizamos o artigo de forma a evidenciar na sessão inicial um breve percurso metodológico, na sequência tratamos da discussão e análise dos dados, bem como os comentários e resultados colhidos na investigação. Sem perder o foco dos objetivos propostos, finalizamos a pesquisa com a sessão das considerações e das perspectivas obtidas acerca dos aspectos mais relevantes sobre a biblioteca enquanto território de mediações culturais.

2. Metodologia

Esta pesquisa é qualitativa, de caráter bibliográfico, tem como objetivo discutir o espaço da biblioteca pública como um território de mediações culturais. A pesquisa bibliográfica se faz necessária em todo trabalho científico, a coleta dos dados foi efetuada a partir de fontes escritas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009)

Dessa forma reunimos informações e conhecimentos sobre as diferentes facetas da constituição da biblioteca enquanto território de mediações do ponto de vista de Milanesi (2002), Petit (2014), Cavalcante e Rasteli (2014), Rosa, (2009) e Martins (2014). Balizada por esses autores essa pesquisa trouxe a tona a constituição histórica da biblioteca e do bibliotecário, bem como a inovação das ações oferecidas atualmente nesse espaço sob a perspectiva da mediação cultural.

3. Biblioteca e bibliotecários uma histórica de ação cultural

As bibliotecas no Brasil surgem no século XVI, período colonial. No decorrer dos séculos e com as mudanças históricas ocorridas em nosso país, passaram de bibliotecas de conventos e particulares à bibliotecas públicas. (SANTOS, 2010). Os acervos foram formados inicialmente pelos jesuítas, por serem os primeiros responsáveis pelo ensino no Brasil. Outras ordens religiosas também mantinham seus acervos como os franciscanos e beneditinos. O mesmo autor nos diz também que, até o século XIX, estes espaços serviram como centros de cultura e formação intelectual dos jovens brasileiros de classe média alta. A concepção de biblioteca como centro de

cultura se origina aqui, no entanto como ponto de encontro para palestrarem sobre suas obras e não lugar de diversas práticas culturais.

Com a chegada da família Real Portuguesa no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, século XIX e conseqüentemente a transferência do acervo da Biblioteca Real para as terras brasileiras, dá-se início ao que futuramente tornar-se-ia a Biblioteca Nacional, de acesso restrito aos poucos titulados da população, que foi oficializada após a independência do Brasil.

Com a criação da biblioteca Real e o surgimento das faculdades de Direito e Medicina a necessidade os livros passam a ganhar importância, sendo mantidas bibliotecas em casa, de caráter privado. Nesse dado momento os livros eram de acesso a estudantes, burgueses, aristocratas e religiosos. Além disso, no período colonial os livros eram proibidos, sofrendo censura e entravam no Brasil através do contrabando, por via portuária. Esse acesso restrito revela uma concepção de biblioteca que atribui status social, econômico e intelectual aos indivíduos, permanecendo até meados do século XX, como conta Milanesi, (2002).

A primeira biblioteca pública brasileira surge em 1811 na Bahia. Criada por opositores ao governo, que traziam consigo ideias iluministas. Seu acervo foi constituído de coleções especiais, doações e também empréstimos de livros. (SANTOS,2010). Tanto o contrabando de livros quanto a criação desta biblioteca sinalizam a preocupação com a formação de um público leitor.

No século XX, circula a ideia de educação e bibliotecas como elementos de constituição das sociedades, ideia esta oriunda dos Estados Unidos em finais do século XIX. No Brasil marcas como o baixo índice de alfabetizados e a expansão dos meios de comunicação em massa (rádio, TV...), influenciaram a formação de um público leitor, esse acesso a informação afastou o leitor da leitura/lazer. Ainda sobre educação e bibliotecas estarem articuladas e relacionadas com o desenvolvimento de uma sociedade, Milanesi (2002, p.39), segue pontuando que: “A Reforma do Ensino de 1971 decretou, oficialmente, a prática da pesquisa na escola. E como pesquisar supõe livros, a biblioteca passou a ser procurada pelos estudantes do primeiro e do segundo graus.” Assim as bibliotecas públicas passam a ter caráter de bibliotecas escolares, onde este espaço servia para as pesquisas obrigatórias da escola e não para o deleite, a fruição das obras, dos espaços, enfim de todas as formas que a

humanidade criou para comunicar e expressar seus saberes, sentidos e significados.

Da biblioteca Real à biblioteca virtual, tem se percorrido um longo caminho, para implementar um modelo de biblioteca que proporcione o acesso a cultura escrita por meio impresso ou virtual a todas as camadas sociais. Observa-se que esse movimento de atualização priorizou a identificação do público para melhor atendê-lo em detrimento da organização do espaço em si. De acordo com Milanesi (2002, p.114), as bibliotecas são locais que, por todos os meios – do livro a internet- podem permitir a todos não apenas achar o que procuram, mas discutir o que achou.

Nesse sentido as bibliotecas são lugares de convivência entre os mais diversos grupos de atores – obras e seus suportes, linguagens, bibliotecários, usuários, artistas, escritores, enfim são locais de múltiplos encontros, de inúmeros saberes e aprendizagens que sugerem o infinito. Michèle Petit (2009, p.273), reforça sobre a importância da biblioteca pública e o seu público, ressaltando que, “a biblioteca é particularmente qualificada para dar lugar as várias facetas da leitura, a seu caráter complexo, múltiplo, facilitando ao mesmo tempo as passagens a outras práticas”.

Cavalcante e Rasteli (2014), destacam que as bibliotecas públicas aparecem não somente como um espaço de apropriação do conhecimento, mas um local propício para a mediação, considerando questões como disposição dos objetos, aproximação do público com a arte, a ação dos profissionais responsáveis pela mediação, entre outros.

No exercício de mediação cultural, as bibliotecas aparecem não somente como espaço de apropriação de conhecimento, mas, como um lugar onde se trocam informações, constroem-se significados. O sujeito não é apenas um receptor, ele produz símbolos. E a constituição do espaço físico, a disposição dos objetos, a iluminação, temperatura do ambiente, a organização de lugares propícios para conversar, ler ou apenas descansar e observar, são fundamentais para que a mediação de fato aconteça, sendo assim significativa e mais abrangente, ocorrendo não somente com o sujeito e o bibliotecário, mas, com o público entre si e com a obra.

As bibliotecas públicas brasileiras tem respaldo legal no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP¹), em seu site disponibiliza o Manifesto da IFLA/Unesco sobre Bibliotecas Públicas – 1994, que identifica a biblioteca pública como “centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros.” As missões-chaves estão relacionadas com a informação, a alfabetização, a educação e a cultura. Entre elas podemos citar “Possibilitar o acesso a todas as formas de expressão cultural das artes do espetáculo e fomentar o diálogo intercultural e a diversidade cultural.”

Entendemos assim que a função da biblioteca vai além do auxílio á procura dos livros. Sua missão está voltada para a ampliação da cultura, para as mais variadas formas de expressão cultural, recepcionando todos os públicos, dando-lhes acesso a experiências estéticas e a valorização da cultura. Ainda sobre os textos legais que contemplam as bibliotecas e os profissionais bibliotecários que nelas trabalham temos uma série de leis, decretos e resoluções.

As bibliotecas públicas atualmente atendem um usuário diversificado, por isso, não podem apenas estar voltadas as questões escolares, e os bibliotecários são fundamentais neste processo de aproximação com a comunidade, pois, são estes que atuam diretamente com o sujeito, pois, se antes se privilegiava a organização dos acervos, hoje o foco destes profissionais é a mediação do sujeito com o acervo. Medeiros (2012) nos fala acerca da necessidade deste profissional se adequar aos vários públicos e também as várias funções que devem exercer, como: mediador, educador, organizador do conhecimento, entre outras. Para que estas funções sejam de fato exercidas faz-se necessário repensar esse espaço como um lugar que deve transpirar cultura, e o bibliotecário ser um intermediário entre a cultura, o sujeito e seu mundo.

3.1 O bibliotecário como mediador cultural

Os que viveram o mais distante dos livros e que puderam, um dia, considera-los como objetos próximos,

¹ SNBP - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. Manifesto da IFLA. Disponível em: <http://snbp.culturadigital.br/>. Acessado em: maio de 2015.

companheiros, dizem que tudo começa com encontros, situações de intersubjetividade prazerosa. (Michèle Petit, 2014)

Encontros. São eles que sugerem o conceito de mediação com o qual iremos trabalhar. Na perspectiva de Martins (2014, p.), a mediação cultural tem por objetivo principal: “[...] possibilitar encontros com a arte e a cultura, aproximações à poética da obra e do artista, provocar experiências estéticas que superem a anestesia. [...]” Neste sentido a mediação cultural oportuniza uma relação que valoriza o encontro entre os sujeitos e torna-se uma forma de comunicação que provoca e estimula sensações, sentidos e sentimentos.

Como esses encontros acontecem entre o sujeito e o objeto? Eles podem ser mediados pelos espaços, pelos objetos propositores ou ainda por qualquer profissional seja ele bibliotecário, artista ou professor. Atualmente no Brasil, quando se fala em mediação, as pesquisas são direcionadas para os museus, que ainda são vistos como espaço de contemplação, separando o cotidiano e nos levando a um espaço solene que pode ser reverenciado mediante os saberes e informações dados pelo mediador.

De acordo com Coutinho (2011), há uma relação de poder e saber no processo de mediação, que pode ir do acesso ao museu a postura do mediador. Esta relação pode ser constatada no caráter elitista ainda existente sobre o acesso a alguns museus, seja por falta de interesse, de oportunidade para frequentar estes espaços, pois, muitos acabam conhecendo os museus apenas em visitas escolares. Nota-se ainda que em nosso país as visitas aos museus não fazem parte de nossa cultura cotidiana, elas ocorrem em ocasiões especiais. Ao quebrarem as barreiras do acesso, os visitantes mais leigos acreditam necessitar de um mediador para interpretar os objetos, não confiando em suas próprias sensações. Diante deste ponto, procuram nos mediadores a ajuda para traduzir o objeto.

Coutinho (2011), discute a origem do mediador para apreciar e significar os objetos, concepção oriunda do século XVIII e XIX, associado à história dos museus, que entendia a necessidade da tradução da obra para o público. Do ponto de vista da autora, o processo de mediação, estando ligado a uma visão de espaço sagrado e contemplativo, advindo de um modelo político-educacional, no qual, educação e museu estão ligados, iniciando uma parceria museu-escola, reforçando a necessidade do mediador.

Atualmente discute-se outro conceito de mediação no qual o usuário é produtor de seu conhecimento e o mediador um provocador. Sua função consiste na interação com o público, instigando, auxiliando os usuários na construção de novos significados, articulando conhecimentos, implicando numa troca de informação que resultará ressignificação dos sentidos.

Nesta dinâmica de construção de sentidos, todo o conhecimento do sujeito é considerado, seu contexto interfere nesta construção, pois, somos afetados constantemente pelo meio que vivemos, por questões políticas, sociais, econômicas e culturais, onde o que pensamos e sentimos nos direcionam neste processo de dar sentido às coisas.

Nesse contexto, o bibliotecário mediador seria o intelectual orgânico oriundo da estrutura social sintonizado com as dinâmicas sociais, não mais se escondendo atrás da neutralidade técnica, não ficando alheio às contradições do seu tempo. O profissional da informação seria como um elemento orgânico dentro de sua comunidade usuária ao ser entendido como um intelectual politicamente comprometido com o próprio grupo social. (RIO; SANCHES, 2010, p.114).

Deste modo, os significados que damos ao mundo são afetados por estes fatores, inclusive na ação do mediador que não é neutra, ao contrário é pautada de intencionalidade. O mediador tem sua ação direcionada pela instituição que serve, dentro do sistema empregado por estas.

O mediador como intelectual orgânico é aquele consciente de seu papel, das questões que o cerca e de seu propósito político, seguido pelo grupo e instituição que pertence. Neste caso, o bibliotecário deixa de ser apenas o sujeito passivo e passa a ser ativo diante da ação de agente cultural. Contudo, este pode promover a prática cultural em bibliotecas públicas, escolares, comunitárias, centros culturais, bibliotecas especializadas e institucionais.

A prática da ação cultural é uma ferramenta que o profissional da informação pode criar e gerir, para proporcionar ambientes capazes de motivar a criação de novos conhecimentos culturais, através da interação e compartilhamento entre os usuários (ROSA, 2009). Esta nova função do bibliotecário esta ligada as inovações que faculdades de biblioteconomia vêm utilizando para tornar a biblioteca e o bibliotecário sujeitos ativos e contemporâneos.

De acordo com a autora, a finalidade da ação cultural é desenvolver o processo de criação, favorecendo meios para que os indivíduos sejam

criadores e façam suas próprias escolhas, ou seja, tenham autonomia no desenvolvimento de novos conhecimentos. Ressalta também que nesta prática o autor deve ser imparcial diante de todo o processo, mesmo como agente cultural, o bibliotecário se limitará na criação de condições, evitando interferências como ideias e sugestões, devendo agir somente como mediador no processo.

4. Considerações finais

Ao longo da pesquisa buscamos sinalizar sobre a constituição histórica da biblioteca pública e do bibliotecário, bem como a biblioteca pública vem tentando superar a ideia de repositório de livros, de espaço sacro para poucos, e de continuidade da sala de aula para os usuários efetuarem pesquisas escolares, respaldados pelos estudos de Milanese (2002).

Atualmente a biblioteca pública tende a privilegiar o deleite, a fruição das obras, dos espaços, enfim de todas as formas que a humanidade criou para comunicar e expressar seus saberes, sentidos e significados. Tendência esta que do ponto de vista de Martins (2014), avance a apresentação, a informação e explicação para a mediação, ação que promove encontros entre a arte e o sujeito.

Nesta abordagem a biblioteca é um território de mediação cultural para além do acesso ao acervo somente, diante da perspectiva de Martins (2014), sobre a mediação cultural enquanto encontros sensíveis com a arte, o bibliotecário, é um potencial agente promotor de ações culturais que medeia o processo de reinventar os sentidos da biblioteca, transformando-a em um lugar que desperte o imaginário, que tende a questionar convenções e a provocar um múltiplo interpretativo na construção e desconstrução dos sentidos e significados de bibliotecários e usuários.

REFERÊNCIAS

- Borges, J. L. **Obras completas de Jorge Luis Borges**_ volume 1. São Paulo: Globo, 1999.
- CABRAL, A. M. R. **Ação cultural**: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 39-45.

CAVALCANTE, L.E.; RASTELI, A. **Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas**. v. 19, n. 39, p. 43-58, jan./abr., 2014.

COUTINHO, R. G. **Recepção e mediação do patrimônio artístico e cultural**. Unesp, 2011.

ECO, U. **Nome da Rosa**. Tradução de Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa** / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MARTINS, M. C. (Org.). **Pensar juntos mediação cultural: [entre] laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota, 2014.

MEDEIROS, A. L. S. **A Biblioteca Pública do Século XXI**. CRB-8. São Paulo, v.5, n 2, p.49-55, dez. 2012.

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. – (Coleção primeiros passos; 94).

_____. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini . São Paulo: Ed. 34, 2009.

SANCHES, G. A. R.; RIO, S. F. **Mediação da Informação no fazer do Bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais**. InCID: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, jul./dez. 2010.

ROSA, A. J. S. **A PRÁTICA DE AÇÃO CULTURAL EM BIBLIOTECAS**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.14, n.2, 372-381, jul./dez., 2009.

SANTOS, J. M. **Bibliotecas no Brasil: Um olhar histórico**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 2010. Disponível em <<http://snbp.culturadigital.br/manifestos/manifesto-da-unesco-sobre-bibliotecas-publicas/>> Acessado em: maio de 2015.